

DE ALGUM TRANÇADOR DE SONHOS

(Carlos Eugênio Costa da Silva)

Fiz um laço com meus sonhos
medindo umas oito braças.
Trança bem feita, com raça,
vontade, firmeza e ações.
Pra laçar aspirações
ao longo de minha andança,
encilhei égua madrinha,
de nome nobre, Esperança.

Cada bater do cincerro,
pujante e com confiança,
no rastro da Esperança
punha os potros de ideal.
Armei laço como um tal
e apinchei mui esperto,
porque a armada de sonhos
já tinha destino certo.

La pucha, foi de encomenda,
uma armada de vaqueano,
mas um momento rirano
de vereda me marcou;
Laço sonho arrebentou
não aguentando os laçados
e o potro ideal se foi
deixando o sonho em pedaços.

Recolhi o que sobrou
e com tentos de persistência
meu apetrecho de lida.
Sonho é adubo pra vida,
é combustível geral
e sem ele é impossível
se pealar o ideal.

Fui de novo tentar sorte,
eu e meu laço parceiro,
e ideal altaneiro
refugava no piquete:
-Oigalê, que lindo flete,
pena ser tão xucro e arisco.
Me vendo, ganhou o arame
não deixando nem o risco.

Gritei: - Que se vá sotreta,
e se crie longe de mim.
Por que hoje ponho fim
nesta ingrata campereada.
Não quero ideal nem nada

que me cause ilusão,
pois sofri pensamentos
e enfri meu coração.

Pra que um laço de sonhos,
firmeza, ações e vontade,
se o tranco da realidade
arrebenta qualquer tento.
Sonhos, já soltei aos ventos,
que caíam em qualquer lugar
e germinem noutros campos
bem longe de onde eu passar.

Desencilhei a Esperança,
minha égua de campereada,
e no fundo da invernada
seu cinerrio pendurei.
Alguém tomou conta, eu sei,
com certeza foi a vida,
pois nos te, pos de agonia
eu escuto sua batida.

Um dia, escaramuçando
no piquere da existência,
ideal veio com tenência
mais forte que de outrora.
E eu, ao vélo lá fora
rebrotei em minha ânsia,
mas sem meu laço de sonhos
perdi o ideal na distância.

Senti um aperto no peito
e lágrimas eu verti.
Na hora então compreendi
o viver e sua grandeza.
Mas triste, que a tristeza
de um ideal não pealar
é o vazio de não ter
nenhum sonho para trançar.